

SINODALIDADE E MISSÃO: HORIZONTES E DESAFIOS NO MÉXICO E NA AMÉRICA LATINA

Elisa Silva

elisasilva63@gmail.com

RESUMO: Neste artigo queremos evidenciar os horizontes do novo paradigma da missão ad gentes e os desafios que encontramos para trabalhar sinodalmente, quando vivemos em um país não-cristão, ou quando voltamos aos nossos países de origem. A maioria das congregações missionárias com carisma ad gentes cresceu e se alimentou de uma reflexão missionária anterior ao Vaticano II, elaborada sobretudo, no seio das escolas clássicas de missiologia, oferecendo bases teológicas para uma práxis missionária concreta e ad vitam que foi desenvolvida em um certo tempo e mentalidade. Hoje constatamos que a maioria dos membros dos institutos missionários retornam ao seu país de origem e trabalham ou vivem sua missão-vocação em situações que não são de primeiro anúncio e nos encontramos em um momento de crise de vocações missionárias ad gentes.

ABSTRACT: In this article we want to highlight the horizons of the new paradigm of the mission ad gentes and the challenges we find to work synodically, when we live in a non-christian country, or when we return to our countries of origin. Most missionary congregations with charisma ad gentes grew and were nourished by a missionary reflection before Vatican II, developed above all within the classical schools of missiology, offering theological bases for a concrete and ad vitam missionary praxis that was developed in a certain time and mindset. Today we see that the majority of the members of the missionary institutes return to their country of origin and work or live their mission-vocation in situations that are not first-proclamation, and we find ourselves in a moment of crisis of missionary vocations.

Existem circunstâncias históricas que mudaram certos paradigmas, onde algumas práticas missionárias já estavam superadas e com uma teologia da missão em forte transição. Unida a esta

realidade, como Igreja, estamos nos preparando para um Sínodo que está refletindo sobre a sinodalidade na vida e missão da Igreja. Assistimos claramente a uma mudança de paradigma missionário e somos chamados a viver em novos contextos com um horizonte vasto que exige novos estilos de missão, onde a missão deve ser pensada e tecida a partir de outras chaves.

I. MISSÃO *AD VITAM*, MISSÃO COMO TESTEMUNHO E COMUNHÃO

Vivemos muitas transformações geradas pela globalização, a multiculturalidade, os movimentos migratórios, as novas fronteiras religiosas, que devem ser acompanhadas por uma reflexão que nos permite para ser testemunhas viventes capazes de proclamar e anunciar o Evangelho da Vida em situações de fronteira, em âmbitos e areópagos novos, trilhando as pegadas de Deus, trabalhando em comunhão e em diálogo com todos aqueles que se movem na perspectiva e no horizonte do Reino.

Essas mudanças e essas novas situações missionárias nos levam necessariamente a reorientar a missão e colocá-la em um quadro teológico e pastoral mais amplo que nos permita abordar com segurança os novos desafios que estão ocorrendo no universo da missão (MADRUGA SALVADOR, 2006, p. 1). Neste novo contexto global, urbano e *ad gentes* em que vivemos, vem à mente uma série de reflexões que se articulam nos diversos contextos geográficos, existenciais, humanos e eclesiais que nos desafiam a viver a sinodalidade missionária.

“A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração”. (EG, 14) Esta afirmação do Papa Francisco muda radicalmente o modelo “colonial” de missão, que caracterizou a missão *ad gentes* nos últimos dois séculos, até o Vaticano II. Recordamos como os missionários/as se apresentavam nos países ditos de missão, mostrando-se com uma atitude de superioridade cultural e religiosa, praticamente negava ao diálogo e a alteridade como riqueza. É assim que nos propõe um novo estilo de missão, que nos remete à missão por atração ou irradiação, como nas primeiras

comunidades cristãs. Convida-nos a uma nova missão que nasce do testemunho alegre de uma comunidade que é comunhão e vivência do amor de Deus. Uma comunidade que testemunha o Evangelho com a sua vida, portanto, o anúncio do Evangelho nasce do testemunho jubiloso do encontro com Jesus e da novidade de vida que produz nos seus discípulos. O missionário é solidário, peregrino junto com as pessoas que vive e com as quais descobre as “sementes do Verbo”.

A realidade de nossas congregações religiosas missionárias, consagrados/as, que vivem em comunidades interculturais, nos faz pessoas privilegiadas, chamadas a viver juntos, de diferentes culturas e idades, como sinal concreto de comunhão. No entanto, ainda é um desafio viver este processo com maior incidência:

Para alguns institutos, está surgindo uma situação difícil de administrar: por um lado, algumas dezenas de membros idosos, apegados às tradições culturais e institucionais clássicas e, às vezes, confortáveis, e por outro, uma grande variedade de membros jovens, vindos de diversas culturas, que anseiam, sentem-se marginalizados, não aceitam papéis subalternos ... (VNON, 13)

Perante esta realidade, resta sempre para o missionário hoje um desafio de viver em comunidades interculturais e ainda, o compromisso de se encarnar e se aculturar em novas realidades. Além disso, nos interrogamos sobre o motivo pelo qual muitas vocações missionárias *ad gentes*, depois de alguns anos de missão, retornam aos seus países de origem? E nos perguntamos também: os jovens de hoje, ainda têm na mente e no coração o desejo de entregar toda a vida (*ad vitam*) a Jesus e à sua missão?

II. MISSÃO *AD INTRA*, CONTEXTOS ATUAIS, DESAFIOS PARA A MISSÃO

A missão *ad intra*. O Papa propõe compreender a nossa fé com os olhos dos pobres, iluminados pela leitura das Sagradas Escrituras da realidade presente e da Tradição. Isso supõe que sejamos dóceis e atentos para ouvir o clamor dos pobres. É a docilidade como dom de deixar-se instruir e evangelizar pelos pobres. (EG 187).

Falando do México e da América Latina, como missionários em uma Igreja já “cristã”, temos um campo enorme, onde o anúncio do Evangelho é urgente e vital para o caminho sinodal ao qual somos convidados a viver. Ser missionários em uma realidade que sofre, em uma sociedade que clama por justiça, em um povo que continua vivendo não só na pobreza, mas também em contínua violência institucionalizada, que ataca os mais pobres, os mais frágeis, os mais vulneráveis, aos inocentes, etc., é atualmente um grande desafio.

Ser missionários aqui e agora, (*ad intra*) continua sendo um desafio, um desafio ainda em aberto, onde a Igreja missionária ainda tem um longo caminho a percorrer junto com a Igreja institucional. Quais são alguns campos ou situações, *ad intra*, que nos abrem para um amplo horizonte de ação e que continuam a ser desafios para a missão hoje? Aqui mencionamos apenas alguns:

A regeneração do tecido social. Uma primeira situação com o campo muito vasto de ação pastoral, missionária e que vemos palpável no México é acompanhar as pessoas que vivem na cidade ou nas áreas indígenas ou rurais na regeneração do tecido social.

Qual é o tecido social? É tudo o que temos em comum, nós que pertencemos a uma comunidade, é o que nos une, nos identifica, nos faz quem somos e nos sentimos parte da mesma cultura, da mesma tradição. É sinônimo de solidariedade, proteção, respeito aos direitos e segurança diante das adversidades. É saber que podemos contar com nossos vizinhos em caso de adversidade ou saber que podemos compartilhar nossa estabilidade oferecendo um pouco do que temos. Refere-se às relações significativas que determinam modos particulares de ser, produzir, interagir e projetar-se no âmbito familiar, comunitário e laboral.

O desafio é envolver-se com todos para participar e promover a comunicação, a unidade e a ajuda mútua, a todos os níveis, social, político, desenvolvimento humano, religioso, etc., estimulando assim a regeneração do tecido social.

Um dos fortes fatores que deteriorou o tecido social do México é a violência, que é apenas a parte visível de um problema de

fragmentação social, que afeta as diferentes esferas da vida pessoal e coletiva, o que impede um processo normal na vida humana desenvolvimento da pessoa e da comunidade, portanto, a violência continua sendo um fenômeno complexo e multicausal, que tem em suas raízes um desengajamento social e existencial. Nesse sentido, é preciso trabalhar em Redes, (uma pastoral sinodal) para unir todas as forças possíveis para o desenvolvimento de uma paz duradoura, respostas simples ou isoladas não terão o impacto necessário para revertê-la. Assim, o modelo implica um trabalho interinstitucional e interdisciplinar, levando em conta seus determinantes estruturais: relações familiares e comunitárias, relações socioeconômicas, relações políticas e jurídicas, relações culturais e educacionais, relações transcendentais e existenciais, relações territoriais e organizacionais.

A promoção do Desenvolvimento Humano Integral. Outro campo de ação é o Desenvolvimento Humano, que promove o atendimento à humanidade sofredora, incluindo os necessitados, os doentes e os excluídos, que presta atenção especial às necessidades e problemas daqueles que são forçados a fugir de sua terra natal, os apátridas, os marginalizados, as vítimas de armas, conflitos e desastres naturais, os presos, os desempregados, as vítimas de formas contemporâneas de escravidão e tortura e outros cuja dignidade está em risco. Falar de desenvolvimento humano integral é falar de justiça e paz, de desenvolvimento dos povos, de promoção, da defesa da dignidade humana e dos direitos humanos relacionados com o trabalho, incluindo o dos menores; o fenômeno da migração e da exploração dos migrantes; tráfico de pessoas e escravidão; prisão, tortura e pena capital; desarmamento e controle de armas, bem como conflitos armados e seus efeitos sobre a população civil e o meio ambiente natural.

O desafio continua sendo trabalhar pelo desenvolvimento humano integral, inspirado no Evangelho e seguindo a linha da teologia e da Doutrina Social da Igreja: envolver-se em processos de justiça e paz, progresso dos povos, promoção e proteção da dignidade e dos direitos humanos, etc. Convidar ao diálogo os diversos sistemas sociais – como economia, finanças, trabalho,

política, cultura – são horizontes abertos de uma pastoral missionária de vanguarda, desde as trincheiras, onde o missionário tem muito a compartilhar por sua experiência sempre próxima pessoas que sofrem.

Os cuidados com a criação. “A existência humana baseia-se em três relações fundamentais intimamente ligadas: a relação com Deus, com o próximo e com a terra”. (LS 66). A Igreja promove o desenvolvimento integral da pessoa, favorecendo a recuperação da capacidade de relacionamento entre o homem e a terra. Isso permite despertar a dignidade das pessoas e dos povos a partir das necessidades de amadurecimento material e espiritual que cada um possui, melhorando as condições ambientais, sociais, culturais, religiosas em que vivemos. Ajudar a difundir uma cultura de respeito ao planeta e ao ser humano e às populações que convivem em estreito contato com a natureza ainda é atualmente um desafio a ser realizado, o missionário de modo particular é chamado a proteger essa cultura de cuidado com a criação porque é um desafio urgente para o nosso planeta e para cada ser humano.

As periferias “existenciais”. Dizer “pessoa” sempre significa “relação”, não individualismo, inclusão e não exclusão, dignidade única e inviolável e não exploração, liberdade e não constrição. A atenção especial às “periferias existenciais”, especialmente àquelas condições de existência marcadas pela marginalidade, abandono, dor, privação, perda de sentido e esperança é e continua sendo um campo de ação bastante amplo. Promover o desenvolvimento humano integral inspirado no Evangelho é criar vínculos que convidam ao diálogo entre os diversos sistemas sociais – como economia, finanças, trabalho, política, cultura. O desenvolvimento integral é um processo que se alcança por meio do conjunto coordenado de ações políticas, sociais e econômicas que se baseiam na promoção da dignidade da pessoa, da solidariedade e da subsidiariedade para melhorar as condições de pleno desenvolvimento das famílias e das pessoas, contribuindo para um desenvolvimento social e clima humano de confiança mútua com especial atenção à situação dos problemas daqueles que têm

menos possibilidades de acesso aos benefícios da modernidade, num ambiente que proteja o habitat e numa dimensão, o que os garanta também para as gerações futuras.

A promoção de todas as formas de vida. A vida humana será sempre o primeiro valor a ser defendido, seguido daqueles valores que têm a ver com a dignidade da pessoa. A vida não é o valor mais alto, mas é o mais básico e, portanto, constitui o primeiro dos direitos. (DE LA VEGA, 2007, p. 1-4)).

Consciente das dificuldades especiais da cultura contemporânea em reconhecer o sentido e o valor da vida humana em toda a sua plenitude, João Paulo II colocou “o Evangelho da vida” no centro do seu ensinamento. A encíclica *Evangelium Vitae* é uma bela exposição do valor sagrado e inviolável de toda a vida humana, do início ao fim. Em suas intervenções não faltaram a denúncia das ameaças que pairam sobre a vida humana: aborto, eutanásia e manipulação de embriões; também o terrorismo e a exploração econômica que condenam populações inteiras à fome.

Nunca antes o valor da vida, em particular, a vida dos mais fracos, deve depender da opinião daqueles que têm poder. As vítimas chegam aos milhões e na maioria os estados do México. Diante dessa situação, os que defendem a vida unem forças para representar um impulso efetivo que salva vidas e se une a outras para enfrentar uma das maiores injustiças que a história humana presenciou.

Diante dessa situação que vivemos, as opções são muito claras, se você age de forma ética e moralmente correta ou não. Por isso, hoje mais do que nunca é preciso lembrar as palavras do matemático árabe Al-Khwarizmi, quando questionado sobre qual valor ele poderia dar ao ser humano:

Se ele tem ética, então seu valor é um. Se também for inteligente, adicione um zero a ele e seu valor será dez. Se ele também for rico, adicione outro zero e será cem. Se acima de tudo isso também for uma pessoa bonita, adicione outro zero e seu valor será mil. Mas, se perder o um, que corresponde à ética, perderá todo o seu valor, pois só restarão os zeros.

O pensador em questão revela algo muito simples: sem valores éticos ou princípios morais realmente sólidos, não resta nada além de zero.

Aqui vem a nossa capacidade de entrar, como missionários, na sociedade e ser uma ponte entre a realidade muitas vezes perdida, entre as modas novas e temporárias, em contraste com os valores fundamentais da vida e da boa convivência. A colaboração que o missionário pode criar nestas zonas fronteiriças, neste horizonte tão atual, é a de um diálogo formativo no mundo leigo e que ajude a cultivar uma formação de consciência que ajude a pessoa a crescer, no respeito pelos direitos humanos, valores éticos e principalmente valores evangélicos, pois a pessoa desde a concepção até a morte é sagrada.

III. MISSÃO *Ad Extra*, DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMENISMO: NOSSA ESPECIFICIDADE AINDA É ATUAL?

A missão *ad extra*, que é nossa missão específica, continua atual se percebermos o grande espaço geográfico onde Jesus não é conhecido, mas não podemos nos limitar apenas a esse espaço, porque a missão *ad gentes* continua a ser realizada com as pessoas que são instrumentos de Deus, enviados a uma cidade específica. A atitude de um missionário que chega pela primeira vez a um determinado lugar, não pode deixar de levar aquelas atitudes típicas de qualquer evangelizador que vive sua missão em qualquer lugar onde esteja, seja missão *ad extra* ou *ad intra*, essas atitudes só podem ser adquiridas numa constante ruminação do Evangelho, deixando-se interrogar quotidianamente com Jesus Cristo que é o missionário do Pai.

As atitudes da vida de Jesus, que se encarna em uma cultura bem definida e vive em um mundo de relações, são as mesmas que permeiam o missionário em sua caminhada pelo mundo e em seu modo de se relacionar com todos ao seu redor e que se relaciona com aquele outro que não conhece o amor de Deus, que tem sede da Palavra de Deus, que vive na dor, que sofre ou está em situação

de vulnerabilidade e com aquele outro que vive em áreas onde é necessário começar um diálogo respeitoso e delicado.

Promover também a interculturalidade religiosa e ecumênica é acolher a diversidade, em um diálogo aberto, sereno e constante, capaz de criar laços de fraternidade em qualquer contexto eclesial em que nos encontremos. Para criar o Diálogo podemos levar em consideração os quatro níveis de diálogo que encontramos em dois textos do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, Diálogo e Missão de 1984; Diálogo e anúncio de 1991.

Nestes textos, diálogo e missão andam muito próximos:

- a) diálogo de vida: onde há o esforço de viver com espírito de abertura ao outro, participando juntos das alegrias, tristezas e preocupações humanas.
- b) diálogo nas obras: quando juntos colaboramos no desenvolvimento humano integral, num caminho de libertação dos povos, onde somos educados na paz, no respeito ao próximo e ao meio ambiente, solidariedade no sofrimento, promoção da justiça e inclusão.
- c) diálogo no intercâmbio teológico: onde os especialistas das diferentes partes alcançam algo comum que ajuda a compreensão recíproca de sua herança religiosa, para chegar a apreciar os valores espirituais de cada um. Trata-se de um esforço a serviço da verdade, onde se verificam pontos de convergência e diferenças fundamentais, num esforço sincero de superação dos preconceitos e incompreensões da história.
- d) diálogo da experiência religiosa: quando pessoas arraigadas em suas tradições religiosas compartilham suas riquezas espirituais, por exemplo, seu modelo de oração e contemplação, sua fé e os caminhos da busca de Deus e do absoluto.

Resta-me dizer que o missionário, em qualquer contexto em que se encontre, que vive apaixonadamente a sua vocação, tornar-se-á o enviado do diálogo de esperança e consolação, porque no seu caminho missionário a sua evangelização será sempre sinal de esperança e consolação para todos os que a encontram.

IV. MISSÃO NO CONTEXTO, CAMINHANDO JUNTOS EM UMA IGREJA SINODAL

Estamos em um contexto eclesial chave e histórico para nossa Igreja. A preparação para o Sínodo sobre a sinodalidade deu orientações para a reflexão não apenas nos altos níveis da Igreja, mas também provocou a participação no nível das Igrejas particulares.

Dom Mario Grech, durante a realização da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, falou-nos da “estreita relação entre sinodalidade e missão”. Ele nos alertou sobre as divisões na Igreja, que exigem uma conversão sinodal, sobre os grupos e seitas cristãs que promovem uma compreensão individualista e íntima da fé. Diante disso, a resposta mais crível é a da comunhão e da Tradição da Igreja, que não é um canto em uníssono, mas uma sinfonia, onde cada voz, cada registro, cada timbre vocal enriquece o único Evangelho, cantado em uma possibilidade infinita de variações (GRECH, 2021).

Perante este acontecimento relevante no nosso continente, somos chamados como Igreja missionária a dar o nosso contributo em união com esta sinfonia, com o contributo único e específico que os institutos missionários podem dar e enriquecer as nossas Igrejas particulares.

Inclusive somos chamados a ser sinal que dá esperança e anima o povo de Deus. É necessário que a vida consagrada e missionária se coloque no lugar da humildade, reconheça seus pecados, mude suas formas de se relacionar. A partir daí somos chamados a tecer a comunhão. Diante dessa nova realidade em que vivemos, o caminho é o discernimento, a atenção à realidade e a capacidade de escutar o clamor de Deus. Deixar-nos guiar pelo Espírito, que nos encoraja a tecer relacionamentos, amizades e afetos na vida cotidiana e nos encoraja a amar, acreditar e cuidar uns dos outros, a nos dar um lugar, a não nos excluir. Tecer novos caminhos só será possível com o olhar fixo em Jesus, convictos de que este é o momento da escuta e do discernimento.

Os horizontes que se vislumbram para a missão da Igreja hoje são vastos, não se limitam apenas a uma sacramentalização ou trabalho administrativo das obras da Congregação ou do Instituto, pelo contrário, é necessária uma criatividade profunda, uma ousadia de novos caminhos e continuar a fazer novos tecidos que respondam ao contexto em que vivemos a nossa missão *ad intra* e *ad extra*. Enquanto confirmamos esta realidade, estamos conscientes de que os desafios da missão hoje se multiplicam cada vez mais, pois há sempre mais áreas onde o Evangelho não é conhecido e onde encontramos inúmeras pessoas sedentas de ouvi-lo, para vivê-lo e amá-lo

PERGUNTAS:

- Missão *ad vitam*, missão como testemunho e comunhão: como vivo, onde atuo e com quem, hoje, estou tecendo o caminho para viver o que é próprio da minha vocação: anunciar o Evangelho? A vocação *ad gentes* e *ad vitam*, quais são seus prós e contras no ambiente da juventude de hoje?
- Missão *ad intra*: Quais são os desafios da missão, que ainda não realizamos, em “sentido sinodal” para a missão *ad gentes* e para os missionários que nos encontramos em países de antiga tradição cristã sem trair nossa especificidade?
- Missão *ad extra*: Nosso específico *ad gentes* ainda é atual na Igreja hoje? Por quê?
- Missão no contexto, numa Igreja sinodal, que anuncia o Evangelho: Como se realiza hoje este “caminhar juntos” na própria Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescer em nosso “caminhar juntos”?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIVCSVA, Congregación para los Institutos de Vida Consagrada y las Sociedades de Vida apostólica, *Para Vino Nuevo Odres Nuevos, VNON*. La vida consagrada desde el Vaticano II: Retos aún abiertos, Orientaciones. Roma, 2017.

DE LA VEGA, Fernando. *El valor de la vida humana. Una reflexión necesaria antes de analizar la eutanasia, el aborto, el homicidio y el suicidio en caso de legítima defensa, la guerra y la pena de muerte*, 7 de enero del 2007. tomado del sitio: <http://www.espaciolaical.org/contens/03/0332.pdf>,

FRANCISCO. *Exhortación Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre el anuncio del Evangelio en el mundo actual. Roma, 24 de noviembre de 2013.

FRANCISCO. *Carta Enciclica Laudato Si'*. Sobre el cuidado de la casa común. Roma, 24 de mayo de 2015.

GREGH, Mario card. *Sinodalidad: una sinfonía cantada en una infinita posibilidad de variaciones*. Vatican News. 26 de noviembre de 2021.

JUAN PABLO II. Discurso al presidente de la República Federal de Alemania, 28-10-1982, en LASANTA, Pedro Jesús, *Diccionario Social y Moral de Juan Pablo II*, IDEBESA, Madrid, 1995, no. 433, p. 157

MADRUGA SALVADOR, Juna Manuel. *A la búsqueda de un marco teológico de la misión*. Director de la revista Misiones Extranjeras, Madrid. 2006

PONTIFICIO CONSEJO PARA EL DIÁLOGO INTERRELIGIOSO. *Diálogo y anuncio* (1991) y *La Iglesia y las otras religiones - Diálogo y misión* (10 de junio de 1984).